

O canto escuro do berço

Conto | Filomena Chiaradia | Em Desmanche



Acordei com uma dor estranha no tornozelo. Na verdade, bem no ossinho do tornozelo. Parte do corpo que liga perna e pé. O que nos faz caminhar. Para frente, para os lados, para trás ou em círculos. Nem sei exatamente por que acordei já que não me lembro de ter dormido. E não localizo muito bem meu tornozelo. A memória só sobrevive na fotografia. A fotografia existe per se, a memória precisa de gatilho. Temo que já não haja lembrança alguma de minha existência. E se sou só esquecimento, minha morte é efetiva. No entanto, estou aqui a falar como que por um milagre. Imaginação milagrosa. Por alguma razão que desconheço me localizaram em uma fotografia. Creio que nem mesmo eu me sabia existir ali. Surpresa. Mas aos poucos o ato de olhar trouxe minha existência de volta. Quão poderosos são o olhar e o acionar memória. Pronto, cá estou, num canto escuro do berço. E consigo recordar a maciez do colchão, o toque de seda dos lençóis, a madeira escura e roliça que nos envolvia, além daquele tecido a nos cobrir à noite. Um céu particular, que nunca nublava. Escuto risadas e vislumbro os olhos grandes e brilhosos que tentavam me desvendar. Uma curiosidade em movimentos de mãos e bocas. Algumas vezes gestos bruscos e descuidados, outras afago e abraços inesperados. Mas me lembro pouco do restante da casa, talvez porque era deixava apenas ali, naquele berço. Um horizonte restrito. Talvez nunca tenha pensado sobre isso quando lá estava. Parecia ser o lugar certo, o sabido, o normal, não questionado. Seria o lugar devido? Duvido. Não deve haver espaço limitado, cerceado, circunscrito. Queria poder atravessar aquelas grades e conhecer outros cômodos, sentir outras texturas, de chão, de terra, de peles. Se experimentei, não deixei rastros. Apagadas as pegadas. E lamento que o destino de tantos seres, animados ou inanimados, seja assim. Como a borboleta espetada no feltro para dar prazer apenas ao olhar. Aprecia-se cores, desenhos, formas, formosura, mas não o voo. Não o bater das asas, o balé no ar a desenhar tons de movimento. Mover-se. Esse é o desejo. Hoje o que resta de minha presença é a sombra por trás de uma vida que começava a crescer. Imóvel. Estática. Mas aquela vida que me reteve nas mãos atravessou as pequenas grades muito antes de ter firmeza nas pernas. E caminhou,

mesmo tento sobre si o olhar do outro lado. Nem sempre a atenção é leve. Há guerras que jamais irei conhecer pois em mim não recaiu olhar algum. Não sei exatamente onde foi parar aquelas mãos gordinhas. Mas se tivesse a oportunidade de encontrá-las por alguns segundos, lhe sopraria pelos tecidos do meu corpo: acredita e voa.